

PROFESSORA HOMENAGEADA: COLEÇÃO DE CONVITES DE FORMATURAS DO CURSO DE PEDAGOGIA – UNESC (1994-2010)

HONORED TEACHER: COLLECTION OF GRADUATION INVITATIONS FOR THE PEDAGOGY COURSE – UNESC (1994-2010)

Susane da Costa Waschinewski 1
Giani Rabelo 2

Resumo: *Análise de uma coleção de convites de formaturas acadêmicas (1994-2010) recebidos por uma professora no curso de Pedagogia. Escrito na perspectiva da História da Educação, em diálogo com as discussões no campo da cultura material escolar, buscando problematizar o acervo, ao reconhecer nele possibilidades investigativas referentes aos rituais acadêmicos, a escolha dos professores homenageados, a indústria gráfica e a produção e circulação nas redes de sociabilidades entre formandos e convidados. Foi possível observar que os documentos analisados representam um campo aberto a múltiplas investigações, pois são portadores de variadas informações, que cotejadas com outras fontes documentais permitem conhecer contextos educacionais, observados em redes de sociabilidades.*

Palavras-chave: *História da Educação. Arquivo Privado. Cultura Material. Cultura Didático-Pedagógica.*

Abstract: *Analysis of a collection of academic graduation invitations (1994-2010) received by a teacher in the Pedagogy course. This article was written from the perspective of the History of Education, in dialogue with discussions in the field of school material culture, seeking to problematize the collection, recognizing in it investigative possibilities referring to academic rituals, the choice of honored teachers, the graphic industry and the production and circulation in the networks of sociability between soon-to-be graduates and guests. It was possible to observe that the analyzed documents represent an open field to multiple investigations, as they are carriers of varied information, which, when compared with other documental sources, allow us to know educational contexts, observed in sociability networks.*

Keywords: *Education History. Private File. Material Culture. Didactic-Pedagogical Culture.*

- 1 Pós-doutorado na Universidade do Extremo Sul catarinense (UNESC), Doutora pelo Programa de Pós-Graduação em Educação (História e Historiografia da Educação) da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). Professora de Geografia na rede pública e particular de ensino. Membro dos Grupos de pesquisa História e Memória da Educação (GRUPEHME). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0320235914162327>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9024-0539>. E-mail: sucosta@unesc.net
- 2 Pós-doutorado na Universidade de Lisboa (Instituto de Educação), Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Atualmente é Professora titular da Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC), Líder do Grupo de Pesquisa “História e Memória da Educação” (GRUPEHME), cadastrado no CNPq e nele coordena o Centro de Memória da Educação do Sul de Santa Catarina (CEMESSC). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0539518439508075>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3304-8268>. E-mail: virtual_gra@unesc.net

Introdução

Em agosto de 2021, iniciamos o projeto de pós-doutorado¹, intitulado Acervos pessoais de professoras: uma investigação sobre os guardados de Vera Maria Silvestri Cruz, cujo objetivo era organizar, catalogar e inventariar documentos doados pela professora, em 2018, ao Grupo de Pesquisa História e Memória da Educação (Grupehme) da Universidade do Extremo Sul Catarinense (Unesc).

Entre o período de doação de parte do acervo pessoal realizado pela titular (em 2018) ao início do processo de organização com a aprovação do projeto ocorreram diversos acontecimentos, entre eles a pandemia de covid-19 que lamentavelmente levou a óbito a professora Vera Maria Silvestri Cruz, em dezembro de 2020. Esse triste episódio foi um ponto de inflexão para que tivéssemos certeza de que era preciso dar um destino digno ao acervo doado por ela.

Antes de iniciar a primeira etapa de organização dos documentos, estabelecemos uma parceria de trabalho coletivo entre o Grupehme, o curso de Pedagogia e a Biblioteca Central da Universidade do Extremo Sul de Santa Catarina (UNESC). Momento em que procuramos comunicar aos familiares da professora Vera sobre a aprovação do projeto em questão, bem como os futuros desdobramentos da pesquisa. Explicamos a um dos membros da família, em reunião², sobre o desejo de criar o *Memorial Professora Vera Maria Silvestri Cruz* no Laboratório de Práticas de Ensino do Curso de Pedagogia da UNESC, que leva o seu nome, decorrente de uma homenagem que recebeu em vida (Nandi, 2022)³. Após este encontro, fomos surpreendidos pela aspiração dos familiares em doar a outra parte do acervo salvaguardado em sua residência. Com as visitas para conhecer e estabelecer os termos de doação, passamos a ter contato com os demais documentos, acondicionados em seu escritório, organizados e preservados por Vera Maria Silvestri Cruz ao longo de sua trajetória profissional. Nele encontramos, inúmeras coleções, como: agendas, cadernos, artigos estudados por ela, recortes de jornais, cartões, entre outros.

Nos chamou a atenção o conjunto de convites de formatura de cursos de ensino superior, em especial do curso de Pedagogia da Unesc. A maioria em seus envelopes originais, com capas ilustradas, datados de diferentes anos, alguns com anotações registradas pela titular em suas capas ou nos envelopes. De diferentes cores e suportes, aquele conjunto documental levou-nos a imaginar a quantidade de cerimônias, jantares, redes de sociabilidades e ciclos que foram concluídos e festejados com a sua presença, em alguns momentos como professora homenageada.

Ao tocá-los algumas inquietações emergiram com base na materialidade dos mesmos, a saber: Por que não foram descartados ao longo dos anos? O que garantiu a sobrevivência desses convites? É possível produzir conhecimentos relativos à História da Educação por meio deles? O que estes artefatos podem nos contar sobre as culturas escolares? Além dessas questões outras foram brotando, mas que ficarão no campo da curiosidade, como: Por que Vera foi tantas vezes homenageada? Quais motivações levaram os acadêmicos/as a convidá-la e a homenageá-la na conclusão de seus processos formativos em nível de graduação?

Neste artigo, tomaremos estes convites como objeto de análise, com o intuito de problematizar algumas questões, reconhecendo neles manifestações da cultura material escolar. Para interrogar tais documentos, é importante detalhar como se deu o encontro com essa coleção, inserida no acervo pessoal da professora Vera, e conhecer alguns aspectos da sua trajetória no período em que recebeu tais convites. Nesse ínterim, este estudo busca abordar: a) os caminhos que levam ao encontro da coleção de convites de formatura; b) os traços da trajetória docente de Vera Maria Silvestri Cruz; c) a coleção de convites e as suas inúmeras possibilidades investigativas desses artefatos para a História da Educação.

1 Aprovado no edital chamada pública 21/2021 da Fapesc Capes.

2 O primeiro contato com a família foi uma reunião que ocorreu em setembro de 2021 de forma remota, e que teve como objetivo comunicar a aprovação do projeto de organização do acervo pessoal.

3 A cerimônia de nomeação do laboratório foi noticiada na reportagem de Nandi (2022): <https://www.unesc.net/portal/aicom/blog/21444-espaco-para-aprendizado-de-alunos-da-unesc-e-de-escolas-da-regiao-e-inaugurado>.

Uma professora que guardou...

[...] de um jeito estranho, ela viveu sua vida como se estivesse montando **uma biblioteca, ou materializando** seus anseios [...]. Ela nunca disse isto, mas eu imagino que sua **visão de si** estava inextricavelmente contida nessa coleção permanente [...] (Rieff, 2008, p. 15 apud Cox, 2017, p. 26, grifos nossos).

Todos nós guardamos documentos de diferentes ordens e por diferentes motivos. Geralmente ganham destaque, em nossos armários e em nossas gavetas, aqueles de utilidade comprobatória, como os comprovantes de pagamentos, escrituras, diplomas, certificados, entre outros. É interessante pensar que o verbo “guardar”, segundo o dicionário *Michaelis* da língua portuguesa (Guardar, 2022), tem os seguintes significados: “vigiar para defender, salvaguardar, guardar um ponto estratégico, vigiar para proteger, abrigar, tomar cuidado, conservar”.

Guardar papéis, reunir, agrupar, conservar e documentar são ações constantes e muito comuns na vida de docentes, especialmente aqueles produzidos em períodos nos quais o principal suporte dos registros era realizado no papel, passando a compor diversos arquivos pessoais de docentes, intelectuais e trabalhadores/as da educação. Segundo Bellotto (2007, p. 265-266), os arquivos pessoais são:

[...] os constituídos por documentos produzidos e/ou recebidos por uma pessoa física (cidadão, profissional, membro, de uma família ou elemento integrante de uma sociedade), enfim, de documentos que, preservados para além da vida dessa mesma pessoa, constituem seu testemunho, como um conjunto orgânico, podendo então ser abertos a pesquisa pública (Bellotto, 2007, p.265-266).

A professora Vera cultivou esse hábito e aos poucos foi montando sua biblioteca ou materializando seus anseios, pois o ato de guardar envolve a ação de selecionar, descartar, excluir, preservando muitas vezes apenas o que ela julgou ser importante. Como menciona Bellotto (2007), eles expressam uma reunião de testemunhos que podem servir à pesquisa pública.

Entre esse movimento constante de seleção e guarda ela reuniu elementos capazes de evidenciar uma visão de si, o que Artières (1998, p.11), considera as subjetividades que compõem tais espaços de guarda “[...] não pomos nossas vidas em conserva de qualquer maneira; não guardamos todas as maçãs da nossa cesta pessoal; fazemos um acordo com a realidade, manipulamos a existência: omitimos, rasuramos, riscamos, sublinhamos, damos destaque a certas passagens”. Ou ainda:

O arquivador constitui a sua coleção de documentos segundo critérios que lhe são preciosos – precaução, vingança, pragmatismo político ou administrativo (economia, eficiência, etc.), orgulho, fantasia e até mesmo, senso histórico. De qualquer forma, o arquivador constitui sua coleção como parte de si segundo um movimento que é, em primeiro lugar, um exercício de controle sobre os eventos e que pode ainda estar erigindo sua eternidade enquanto indivíduo, cujo único critério de aferição, e sólida garantia, é exatamente a memória (Vianna; Lisovsky; Sá, 1986, p. 67).

No caso do acervo pessoal de Vera Maria Silvestri Cruz, encontramos com maior clareza a presença de uma professora, com trajetória em diferentes escolas, níveis de atuação em cargos públicos e privados. São guardados marcados por fortes elementos profissionais, mas que também permitem ver sua titular em seus entre lugares, como mãe, amiga, esposa, dona de casa, seus *hobbies*, suas leituras, entre outras dimensões.

Vera nasceu em 13 de janeiro de 1947, em Braço do Norte (SC), município onde passou os primeiros anos de sua vida. cursou as séries iniciais no Grupo Escolar Sérgio Lopes Falcão. Por necessidade de trabalho, sua família passou a residir em Criciúma (SC), onde concluiu o Ginásio, no Curso Normal Regional, no Grupo Escolar Professor Lapagesse, escola pública situada no centro da

mesma cidade. Posteriormente, realizou o Curso Normal no Colégio Madre Tereza Michel (1965-1967), uma instituição particular e confessional.

Em 1968, Vera ingressou no curso de Licenciatura Curta, em Ensino de História, na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Após a conclusão, volta como professora para lecionar no Colégio Madre Teresa Michel no Curso Normal, portanto, muda sua posição de ex-aluna à professora normalista (Waschinevski, 2019).

Em 1970, com a abertura da primeira turma do curso de Pedagogia na Unesc, Vera prestou exame e ingressou na graduação. Já em 1973, recebeu o convite para atuar como Coordenadora Pedagógica no Colégio Madre Tereza Michel. De acordo com Waschinevski (2019, p. 97), Vera, “Em 1975, foi aprovada em um processo seletivo na [...] Unesc, onde atuou durante 35 anos no curso de Pedagogia. Também foi professora e orientadora educacional do Colégio de Aplicação, que funciona na mesma universidade”.

De forma geral, teve uma extensa trajetória de dedicação à educação: atuou na Rede Estadual de Ensino como professora de 1ª a 4ª série (1963-1977), professora de História de 5ª a 8ª série (1968-1969) e orientadora educacional (1987-1993). Na prefeitura municipal de Criciúma, esteve à frente da Secretaria da Educação e Cultura (1989-1991) e na Orientação Pedagógica (1999-2000). Além dos locais que atuou, defendeu sua dissertação no Programa de Pós-Graduação em Educação na Universidade do Estado de Santa Catarina (Udesc) em 2004, intitulada “Avaliação da aprendizagem: manifestação sobre prática pedagógica e o discurso de novas possibilidades”.

Ao longo do percurso de sua vida, reuniu, selecionou, descartou e produziu uma grande quantidade de documentos, muitos deles relacionados à sua atuação nas salas de aula, como professora e estudante. Outros de caráter público ou privado que possivelmente integram os arquivos das instituições por onde passou.

Boa parte dos documentos que preservou se encontrava em seu acervo pessoal, podemos considerá-lo um espaço repleto de memórias, ou seja, “[...] lugares onde a memória se cristaliza e se refugia” (Nora, 1993, p. 7), que possibilitam estabelecer diálogos não apenas com a sua trajetória e o percurso de sua vida, como também são documentações potentes para a História da Educação, “[...] Graças a uma farta documentação, temos condições de saber quais eram suas leituras e discussões, pensamentos e sentimentos: temores, esperança, ironias, raivas, desesperos” (Ginzburg, 2006, p. 9).

Seguindo o entendimento de seus documentos como importantes rastros do passado, corroboramos com as reflexões de Heymann (2012): os arquivos pessoais não podem ser vistos pelos pesquisadores como meros repositórios de fontes, e sim como espaços que podem ser compreendidos como objetos de estudo, seus documentos, suas formas, os processos e os gestos neles empreendidos são passíveis de problematização e investigação.

Por compartilharmos desse entendimento, acreditamos ser importante narrar alguns momentos que indicam os caminhos trilhados e que nos levam ao acervo e a coleção de convites, constituídos e preservados por Vera Silvestri.

Do recebimento a salvaguarda: o acervo de uma professora

O contato com Vera, que se desdobrou na doação de seu acervo pessoal, ocorreu em 2018, no período em que a pesquisa [inserir nome caso o artigo seja aprovado] estava em seu percurso inicial. O estudo buscou conhecer as passagens da vida de Jessy Cherem (1929-2014), professora catarinense que atuou na formação de professores/as e na gestão em cargos públicos, bem como professora e fundadora de inúmeros jardins de infância. Jessy foi uma professora que esteve em sala de aula, na gestão pública e empreendeu negócios particulares, e que por meio de suas ações e seus rastros documentais permitiram problematizar novos aspectos em torno da História da Educação em níveis local e nacional, além de conhecer uma série de personagens, como professores/as e gestores/as públicos que com ela se relacionaram.

Em um dado momento da pesquisa, observamos que a trajetória de Jessy, que residiu em Criciúma, onde lecionou em diversos colégios particulares e coordenou a Diretoria de Educação (1964-1967), cruzou com a de Vera Maria Silvestri Cruz – mais especificamente no período em que Jessy Cherem foi sua professora no Colégio Madre Tereza Michel, no Curso Normal.

Além disso, Vera havia doado uma coleção de manuais, intitulada Biblioteca da Programa de Assistência Brasileiro-Americana ao Ensino Elementar (Pabae) ao Grupehme, que tinha sido objeto de estudo em outra pesquisa⁴.

Por conta desses “encontros” da pesquisa, Vera, foi uma das entrevistadas nos estudos supracitados. Sua trajetória na educação, nas escolas, na secretaria municipal de educação e na universidade foram objeto de nossas conversas. Com seus depoimentos ela contribuiu de forma significativa e ajudou a ampliar as buscas de outros sujeitos envolvidos na educação do período. Nesse processo, realizamos duas entrevistas no ano de 2018 em sua residência, período em que também mantemos contato por telefone. Quando surgiam dúvidas ao longo da investigação, ela prontamente ajudava esclarecendo, indicando outros/as professores/as que foram colegas de Jessy Cherem, quando de sua passagem por Criciúma entre os anos de 1964 a 1967.

Ao reconhecer o Grupehme como um local de salvaguarda da memória da educação do sul de Santa Catarina e com a aproximação e clima de confiança que estabelecemos ao longo do estudo, Vera Silvestri manifestou o interesse em doar ao grupo de pesquisa parte de seu acervo pessoal, contendo alguns livros e documentos acumulados ao longo de sua atividade profissional. Já a segunda etapa de recebimento do acervo ocorreu após uma reunião com a sua família, com o intuito de comunicá-los sobre o andamento do projeto. Em outubro de 2021, seus familiares evidenciaram satisfação com o projeto e manifestaram interesse em doar o restante do acervo pessoal que permaneceu na residência após o falecimento da professora. Além do acervo, eles doaram o mobiliário para acondicionar os documentos.

Com um percurso de mais de 40 anos na educação, inevitavelmente Vera deixou marcas profissionais e pessoais naqueles com quem se relacionou durante sua trajetória profissional. O desdobramento de uma vida dedicada à educação e às disciplinas que lecionou na universidade são lembrados no Laboratório de Práticas Pedagógicas que leva seu nome.

Nesse sentido, reconhecendo a importância de sua trajetória no curso de Pedagogia, buscamos comunicar e estabelecer parceria para a realização das ações que envolvem o acervo pessoal da professora, e por entendê-lo como rico documento sobre a memória institucional. O projeto não foi apenas bem recebido pelo curso, como também se desdobrou em um plano de criação de um espaço destinado à guarda desse acervo, que está abrigado no Laboratório de Práticas Pedagógicas Vera Maria Silvestri Cruz, ou seja, seus documentos estão acondicionados⁵ em um espaço frequentado por estudantes, professores/as, pesquisadores/as, familiares e demais interessados.

Inspiradas pelo gesto de guardar cultivado pela professora Vera, além de sua importante dedicação à educação local, é interessante pensar que esses documentos poderão ficar à disposição na instituição em que seu percurso profissional esteve vinculado a maior parte do tempo. Tal contexto nos faz pensar que “[...] associar o gesto artesão e a prática científica, considerando que não há hierarquia nessas ações, são ações que fazem parte de uma mesma prática” (Peres, 2019, p. 17). Ainda seguindo as indicações problematizadas por Peres (2019, p. 5):

[...] trabalha-se com essa perspectiva indicada por Chartier (2009 *apud* Peres, 2019) e, de alguma forma, propôs-se, ao se constituir o acervo arquivístico, também a se fazer uma “história vista de baixo” (Sharpe, 1992 *apud* Peres, 2019), ou melhor, uma história da escola “vista de dentro” e a partir dos sujeitos da escola e das práticas e representações de leitura e de escrita dos “de baixo”, principalmente ao se privilegiar a construção de um arquivo cujos documentos são de fato aqueles usados no cotidiano da sala de aula – os mais simples e ordinários – ou aqueles que revelam práticas de leitura e de escrita de “pessoas comuns”, via de regra, moradoras do campo, com pouca escolaridade (Peres, 2019).

4 Dissertação intitulada “Biblioteca de Orientação da Professora Primária: as regras de civilidade no conteúdo de Estudos Sociais do Programa de Assistência Brasileiro-Americana ao Ensino Elementar – PABAAE (1956-1964)”, trabalhada durante os anos de 2015-2017, no Programa de Pós-Graduação em Educação da Unesc.

5 Alguns documentos serão disponibilizados para consulta apenas mediante apresentação de solicitação, tendo a pesquisa aprovação com o comitê de ética da instituição na qual se vincula.

Reconhecer em seus documentos a potencialidade vista por dentro e pela ótica de quem participou ativamente do cotidiano acadêmico, nas salas de aula, lecionando, supervisionando e orientando, nas reuniões de colegiado, de gestão, em uma infinidade de espaços que circulou e que produziu, selecionou e preservou “miudezas”, como anotações em margens de cadernos, bilhetes, lembretes, em suas agendas, entre outros. Pois neles “Contém pedaços materializados de instantes vividos por uma professora, que por alguma razão decidiu não descartar tais lembranças” (Fischer, 2005, p. 70). Papéis esses que sabemos que ela gostaria que recebessem o encaminhamento mais adequado, pois havia manifestado esse desejo quando doou a primeira parte de seu acervo.

O acervo pessoal da professora Vera é um rico espaço investigativo, suas diversas coleções, seus documentos permitem conhecer cenários e bastidores dos locais onde atuou, das relações que estabeleceu com aqueles/as com que conviveu em sua vida pessoal e profissional. Tanto o seu acervo, quanto a coleção de convites selecionada para este estudo permitem observar “espaços de sociabilidade”, no sentido atribuído por Sirinelli (2003, p. 265), de “estruturas que permitem intercâmbio e fortalecimento de laços”.

Possíveis de ser interrogado de diferentes formas, sem desconsiderar seu contexto de produção, pois integram uma totalidade de ações e intencionalidades, que garantiram sua sobrevivência, como no caso de seus convites de formatura. Sua guarda e preservação demarcam traços de uma professora, a história de um curso, da instituição educacional, ou seja, integram a cultura material escolar.

Professora homenageada, amiga de turma, patronesse: traços da docência em convites de formaturas acadêmicas (1994-2010)

Encontrar um conjunto de convites de formatura suscitou inúmeras curiosidades sobre a professora Vera, sobre sua trajetória e o contexto no qual recebeu todos eles.

As possibilidades de gestar⁶ algumas histórias desses impressos só foram possíveis ao indagá-los, vasculhá-los, violar as memórias, pois os reconhecemos como importantes objetos e fontes de pesquisa (Albuquerque, 1994). São artefatos que deixam entrever rastros do passado, não apenas de uma gama de relações constituídas entre seus produtores, como também portam vestígios de ritos, festividades, saberes, sensibilidades, presentes na cultura material escolar. Segundo Souza (2007), é composto de:

[...] artefatos e contextos materiais relacionados à educação escolarizada, a expressão não apenas amplia o seu significado reinserindo as edificações, mobiliário, os materiais didáticos, os recursos audiovisuais, e até mesmo as chamadas novas tecnologias do ensino, como também remete à intrínseca relação que os objetos guardam com a produção de sentidos e com a problemática da produção e reprodução social (Souza, 2007, p.170).

Dialogando com a autora, podemos compreender que a cultura material escolar proporciona a produção de conhecimento científico em torno da cultura escolar, que ganha força com o alargamento das pesquisas por meio de seus mais recentes e variados objetos de estudo, em decorrência dos debates proporcionados pela História Cultural. Graças a essa virada, diversos objetos, rituais, protocolos e costumes em uso e em desusos no interior das escolas passam a figurar com maior frequência no meio acadêmico.

Esses “novos” objetos, até então considerados esquecidos, ou deixados de lado, têm proporcionado conhecer diversos aspectos do interior da escola, como seus costumes. De acordo com Julia (2001, p. 15):

A história das práticas culturais é, com efeito, a mais difícil de se reconstruir porque ela não deixa traço: o que é evidente em

6 Em referência ao artigo de Durval Muniz de Albuquerque Jr., “Violar memórias e gestar a história: abordagem a uma problemática profunda que torna a tarefa do historiador um ‘parto difícil’”.

um dado momento tem necessidade de ser dito ou escrito? Poderíamos pensar que tudo acontece de outra forma com a escola, pois estamos habituados a ver, nesta, o lugar por excelência da escrita (Julia, 2001, p.15).

Ao mesmo tempo que é o espaço da escrita é o local de descarte, principalmente quando se trata de documentos que demarcam as memórias docentes e discentes. Pesquisar os convites de formatura encontrados no acervo pessoal de Vera permite visualizarmos testemunhos que sobreviveram à ação constante de descarte de seus/suas produtores/as e entre aqueles que circularam. São meios de investigação para o campo da cultura material escolar e das práticas culturais que proporcionam novos conhecimentos para a História da Educação.

Compreendemos, neste estudo, os convites de formatura como parte dos rituais acadêmicos, em que se insere nessa cerimônia como um desses momentos ritualísticos e que simboliza o encerramento de um ciclo – nesse caso, a graduação. De acordo com Segalen (2002):

O rito ou ritual é um conjunto de atos formalizados, expressivos, portadores de uma dimensão simbólica. O rito é caracterizado por uma configuração espaço-temporal específica, pelo recurso a uma série de objetos, por sistemas de linguagens e comportamentos específicos e por signos emblemáticos cujo sentido codificado constitui um dos bens comuns de um grupo (Segalen, 2002, p. 31).

Nesse sentido, a formatura carrega um conjunto de atos que compõem esse evento. São planejados previamente e que envolvem elementos, como a escolha do lugar, os convites, a cerimônia de colação de grau, o jantar, o baile, entre outros. De certa forma, o modo de desenvolver cada um desses momentos pode se alterar de acordo com as condições culturais, sociais e econômicas. Isso sem contar as mudanças advindas ao longo do tempo, com o avanço das tecnologias que dão novas roupagens a essas cerimônias. Entretanto existem elementos que resistem, permanecem e representam esse período de encerramento de ciclo.

[...] para que ocorra esse rito, é necessário um local apropriado para abrigar a todos os sujeitos, tanto os sujeitos da escola quanto os espectadores. Além disso, há uma composição do espaço que destaca a mesa de formatura, com os professores paraninfos, os homenageados, a direção escolar e os diplomas que serão entregues aos formandos. [...] A linguagem envolve os gestos, discursos, hinos e narrativas que são ensaiadas para que este rito ocorra com o mínimo de improviso (Silva, 2015, p. 94-95).

Interessa-nos, neste artigo, olhar para os convites como integrantes desse momento ritualístico, afinal esses impressos integram uma cultura material que portam informações referentes ao período em que se inserem, pois são frutos de escolhas de um determinado grupo social. Encaminhá-los aos familiares, amigos, professores, orientadores e representantes solenes da instituição ou do município é uma ação constante entre os formandos nos meses que antecedem esse momento tão especial para eles.

Por parte dos professores universitários, há também o recebimento, em todos os semestres, de inúmeros convites, como no caso da professora Vera Silvestri. Encontrar sua coleção suscitou, entre as questões, buscar conhecer como esses convites representam a relação que ela manteve com seus alunos. Chama a atenção que muitos deles constam no registro de professora homenageada, patronesse, nome de turma. Seria esse o motivo de ela tê-los preservados? Afinal, eles testemunham o reconhecimento dos estudantes pela professora, contam uma imagem de si. Uma representação de ser professora que gostaria de eternizar.

Ao produzir dados para buscar compreender as questões apontadas, observamos que os indícios partem de um ponto em comum: as sensibilidades compartilhadas entre a professora e os estudantes. Vera Silvestri, como já dissemos, começou a lecionar na Unesc no ano de 1975, atuando nas disciplinas em períodos conforme explicitado no quadro 1.

Quadro 1. Disciplinas lecionadas por Vera no curso de Pedagogia/Unesc

Disciplinas	Anos	Convites encontrados
Psicologia geral	1975-1979	Não
Metodologia de ensino de 1º grau	1975-1979 e 1981-1987	Não
Didática geral	1975-1979 e 1993-1994	Sim
Princípios e métodos em orientação vocacional	1997-1998	Sim
Práticas de ensino sob forma de estágio supervisionado	1994-2010	Sim
Filosofia da educação	1992-1993, 1997-2000 e 2009-2010	Sim
Currículo e sociedade	2004-2005	Sim
Avaliação no ensino superior – pós-graduação <i>lato sensu</i>	2007-2008 e 2010	Sim

Fonte: elaborado pelas autoras (2022) com base no Currículo Lattes e na entrevista concedida em 2018.

Como professora na disciplina de Prática de Ensino sob a forma de estágio supervisionado, ao longo de 16 anos, Vera Silvestri acompanhou os/as estudantes em suas fases finais da graduação. Foi durante esse período que os/as conduziu às aulas teóricas, à preparação dos planos de observação, aos planos de aula, aos encaminhamentos para as instituições, ao longo do estágio, aos relatórios e à socialização. Esses momentos na vida acadêmica são acompanhados de muitas inseguranças e que requerem um bom trabalho de condução por parte do/a professor/a supervisor/a. Tal tarefa parece ter sido bem executada por Vera, visto pelos anos que permaneceu à frente da disciplina, conduzindo acadêmicos/as do curso de Pedagogia às escolas da região, experiência que representou para muitos o primeiro contato com a sala de aula. Por ser um momento de expectativa, aflição para os/as estudantes, intuimos que ela estabeleceu um papel importante ao conduzi-los/as nessa fase.

Possivelmente, ocorreram sensibilidades compartilhadas entre a professora e os/as estudantes, as quais podem ter reverberado nas homenagens e honrarias que recebeu, visto que, no conjunto de convites analisados, 11 deles constam informações como professora homenageada ou reconhecida de alguma forma, devido à sua proximidade com os/as graduandos/as nas fases finais, além de ser um período importante na trajetória acadêmica daqueles/as que frequentavam a disciplina de Estágio Docência.

Para conhecer um pouco melhor a coleção dos convites de formatura, buscamos estabelecer alguns aspectos analíticos, como características tipográficas que correspondem à materialidade, os anos em que os recebeu, o conteúdo das homenagens e possíveis anotações.

A materialidade

O acervo pessoal da professora Vera, porta traços explícitos de sua trajetória profissional: entre cadernos, agendas, textos, discursos, artigos escritos por ela em jornais. Encontra-se também em seu arquivo pessoal a coleção composta de 15 convites, correspondentes aos anos de 1994 a 2010, conforme descrito no Quadro 2. Por meio de suas diferentes materialidades, podemos inferir que a escolha desses convites mudou de tempos em tempos, bem como as formas de organização desse ritual ao longo dos anos em uma instituição de ensino superior.

De diferentes anos, os convites encontrados têm materialidades variadas, seus suportes se alteram ao longo do tempo, são capazes de afetar os sentidos daqueles/as que os manuseiam, ou seja, carregam informações de determinados períodos e grupos. A escolha das fontes para a escrita dos textos, os próprios dizeres em alguns deles, as cores que de forma geral fazem referência ao Curso de Pedagogia ou à área da Educação, buscam construir uma representação desses/as discentes e futuros/as pedagogos/as. Nesse sentido, a análise desses convites não pode ser

realizada sem considerar sua materialidade, indissociável da mensagem que buscaram representar.

O estudo de Coelho Junior e Cunha (2016, p. 1), referentes aos quadros de formaturas, nos ajudam a inferir sobre a coleção de convites encontrados, pois consideram:

Quadro 2. Convites de formatura do Curso de Pedagogia da Unesc no acervo pessoal de Vera Maria Silvestri Cruz (1994 - 2010)

Ano	Destinação	Observações
1994	Patronesse da turma	Convite com envelope. Capa com colagens, de frases referentes ao curso, à educação e ao contexto social.
1995	Professora homenageada	Envelope e convite na cor branca.
1996.2	Professora nome de turma	Convite com envelope na cor branca. Capa contém uma coruja em cima de um livro.
1999	Não consta informação de homenagem	Envelope e convite azul-marinho com letras na cor prata.
2000.A	Professora homenageada	Convite com envelope em azul claro. A capa contém a imagem de dois anjos.
2000.B	Patronesse	Envelope e convite branco. A capa contém uma coruja em cima de um livro em dourado.
2001	Professora amiga da turma	Envelope com o brasão de uma coruja.
2001.1	Professora homenageada	Envelope e convite azul-marinho com letras em dourado.
2002	Professora amiga de turma	Envelope e convite na cor azul-marinho com letras em dourado com um pequeno brasão e o símbolo de uma coruja.
2002.2	Não consta informação de homenagem	Convite com envelope em tons de lilás com a escrita em prata. A capa contém uma fotografia de crianças fazendo alguns desenhos.
2005	Professora homenageada	Convite com envelope. A capa contém uma criança brincando com caneta e um boneco, letras e numerais ao fundo.
2007	Não consta informação de homenagem	Convite na cor branca com lilás, contém a imagem de uma menina deitada entre os arabescos de flores.
2009.1	Madrinha da turma	Convite com envelope. A capa tem a cor lilás, com flores, formatura dos cursos de Pedagogia e Letras.
2009.2	Professora homenageada	Convite com envelope. A capa tem a cor lilás com a imagem de um bebê.
2010	Não consta informação de homenagem	Convite individual de uma estudante. O envelope tem a cor lilás e contém a fotografia da estudante e os dizeres com as informações sobre a formatura.

Fonte: elaborado pelas autoras (2022).

Esses objetos de celebração do ato de formatura escolar serão analisados em suas materialidades, em seu processo de produção como “acionadores” de um sentido para a educação do período e como componentes de uma cultura material da escola do passado que ficava para a posteridade (Coelho Junior; Cunha, 2016, p. 1).

Sua materialidade, frequentemente relacionada com a indústria gráfica, possivelmente agrega as tendências dos convites até chegar aos/às destinatários/as finais, o que pode conduzir o/a leitor/a a um determinado sentido. Darnton (1990, p. 169), esclarece que “[...] os textos têm propriedades tipográficas que guiam a reação do leitor”. Isso nos faz inferir sobre um desejo desses/as formandos/as em construir uma imagem de si como futuros/as professores/as.

Em seguida, apresentamos três convites que escolhemos para a análise. O primeiro convite que integra a coleção corresponde à formatura do curso de Pedagogia do ano de 1994 está ilustrado na figura 1. Ele tem características bem peculiares e se difere de todos os demais encontrados. Em formato de folha A4, ele está dobrado em três partes: a parte da capa é composta por colagens, com escritas referentes à educação, ao contexto social e à vida na universidade. Permite refletir sobre possíveis conjunturas vivenciadas por essa turma de estudantes ao longo de seus quatro anos de curso, em diálogo com o que ocorria no cenário político e educacional do país à época. Teriam sido os ventos pró-democratização? Os debates em torno da LDB? As greves realizadas por professores/as em alguns estados brasileiros? A forte presença do movimento estudantil? Teriam sido esses elementos que ressoaram⁷ nessa turma, sendo determinantes na escolha dessa capa, que parece ter sido confeccionada pelos/as próprios/as estudantes? Os indícios impressos nesse convite constam de frases, como: “LDB Democrática”, “Quem sabe faz a hora”, “Qualidade do ensino é prioridade”, “Lugar de mulher é... em todo lugar”, entre outras.

Figura 1. Capa do convite do curso de Pedagogia (1994)



Fonte: acervo pessoal de Vera Silvestri (1994).

Aqui ficam algumas indagações que podem ser investigadas em trabalhos futuros, entrecruzando outros documentos, como atas de reuniões e assembleias de centros acadêmicos, diretório de estudantes, rastreando e entrevistando os/as formandos/as, professores/as, coordenadores/as daquele ano, com o desejo de se aproximar das motivações para a criação do convite composto de dizeres que instigam a imaginar uma turma que respirava debates em torno das lutas democráticas e estudantis.

Entendemos que o acervo e a coleção permitem variadas abordagens de pesquisa, que podem assim contribuir para ampliar os estudos relativos à cultura material escolar. Outro elemento a analisar é que nesse convite Vera é mencionada como professora patronesse. Segundo a conceituação:

Este será alguém que acompanhou a turma e que, de alguma forma, colaborou para o sucesso da aprendizagem. Dessa forma, não se restringe ao professor. Pode ser funcionário, terceirizado ou outros. Em eventos presenciais, o patrono ou [a] patronesse deverá se identificar para o cerimonial, vestir beca, entrar à frente da turma e sentar em local reservado (IFB, 2018, on-line).

O significado ou a representação do que vem a ser essa homenagem parece se aproximar das ações desempenhadas por ela frente à disciplina de Estágio Docência. Afinal, “acompanhar”

⁷ O autor de referência utilizado para esse conceito é Stephen Greenblatt (1991, p. 250), ao trazer que ressonância é “[...] o poder do objeto exibido alcançar um mundo maior além de seus limites formais, de evocar e quem os vê as forças culturais complexas e dinâmicas das quais emergiu [...]”.

e “colaborar” são dois verbos que traduzem as ações do/a professor/a no período de estágio. Em contrapartida, a homenagem pode caracterizar sensibilidades ali depositadas.

O segundo convite selecionado, corresponde ao segundo semestre do ano de 1996, com aparência mais formal, tendo o fundo branco com uma coruja gravada em dourado, sob um livro no canto superior esquerdo, conforme evidencia a Figura 2. Ao abri-lo, temos os dizeres referente aos/ às professores/as homenageados/as: “Patrono: Eng. Paulo Meller. Paraninfo: Prof. Jairo Thomazi, Nome de Turma: Vera Maria Silvestri Cruz”, seguindo abaixo o seguinte juramento:

Nesse momento solene, eu juro: Dedicar minha vida profissional ao serviço da humanidade, respeitando com consciência, fidelidade, amor e ética, cumprindo os deveres inerentes à profissão em busca de uma sociedade onde haja mais honra, justiça e sabedoria. Livremente, sob minha palavra de honra.

JURO.

Figura 2. Convite do curso de Pedagogia 1996.2



Fonte: acervo pessoal de Vera Silvestri (1996).

Ao fundo desses dizeres e do juramento, temos a mesma imagem da coruja sob os livros. É interessante observar, nesse convite, que sua estética é mais sóbria e busca comunicar uma mensagem da identidade e da missão do/a pedagogo/a perante a sociedade: a coruja como símbolo do conhecimento e da sabedoria, os livros como fonte principal do saber e a escrita em dourado podem ter sido escolhidos buscando construir tal representação. Apesar de todos esses pontos problematizados, não temos certeza dessas escolhas, ou seja, se elas foram de intenção dos estudantes ou da empresa contratada para confecção.

Nesse ponto, é interessante pensar nos estudos de Chartier (1992), ao analisar a cultura escrita, as representações e a recepção, em que não há uma leitura única, mas sim inúmeras formas de compreender o texto. Segundo o autor, é necessário fazer uma distinção entre dois tipos de aparatos: nas formas e estratégias de escritas expressas nas intenções do “autor”, e nos processos de manufatura do impresso ou na publicação, que por decisões editoriais podem desviar as expectativas do autor.

Como mencionamos anteriormente, neste convite Vera Silvestri é homenageada como “Nome de turma”. Esse título:

Pode ser o nome de uma personalidade viva ou morta ou ainda um título que se adequa à identidade da turma. Em geral é um professor ou profissional da área que, através de seu exemplo ou da prática docente, inspira os formandos e agora é homenageado emprestando seu nome (UFRP, 2015, p. 1).

Chama atenção que o professor ensina por meio da prática docente, observadas na forma como conduz suas aulas, como preparar seus materiais didáticos, em sua relação com seus/suas

alunos/as, entre outros. Em especial, em um curso que tem como missão formar professores/as, a homenagem “Nome de turma” representa justamente aquele profissional que por meio de seu fazer docente deixou marcas e inspirou, de alguma forma, seus estudantes. São vestígios de uma atuação prestigiosa e de reconhecimento por aqueles que com ela conviveu.

Neste sentido, a formatura pode ser observada como o momento de encontro, entre professores/as, estudantes, funcionários/as da instituição e familiares. O encontro daqueles/as que estiveram juntos ao longo do percurso estudantil. Como todo momento ritualístico, este também produz seus vestígios como fotos, quadros, convites e que integram a cultura material escolar.

Já o terceiro convite, da turma de 2000, apresentado na Figura 3, traz como ilustração a imagem de dois anjos abraçados. Seria aqui uma referência simbólica a primeira infância e a segundo infância, público-alvo dos/as futuros/as pedagogos/as, que terão como missão formar estas crianças que estão em sua fase “pura como os anjos”?

Figura 3. Convite do curso de Pedagogia 2000-A



Fonte: acervo pessoal de Vera Silvestri (2000).

Tal imagem remete para o estudo clássico de Philippe Ariès intitulado *L'Enfant e la vie familiale sous l'Ancien Régime* (A criança e a vida familiar sob o Antigo Regime) e que no Brasil será publicado em 1978, sob o título de História social da criança e da família. No primeiro capítulo da obra, intitulado “O sentimento da infância”, Ariès se utiliza principalmente das fontes iconográficas para descrever o percurso da história da criança em solo europeu.

Cabe relembrar, brevemente, que para o historiador, foi na transição do século XVII para o século XVIII que se constitui o sentimento moderno de infância como um momento singular da vida humana, ou seja, um estágio específico do desenvolvimento do ser humano. Para ele, na civilização medieval a preocupação com a infância não era conhecida, “pois para essa sociedade não havia problemas: assim que era desmamada, ou pouco depois, a criança tornava-se a companheira natural do adulto”, diferente do mundo moderno, que é “obcecado pelos problemas físicos, morais e sexuais da infância” (Ariès, 1981, p. 276).

Ainda na Idade Média, mesmo a criança não ocupando um lugar de destaque, a partir do século XIII ela passa a ser representada na iconografia. No início como um ser angelical e mais tarde, associada à figura do menino Jesus, aproximando a infância à ideia de pureza, alegria e inocência, que tem como referência o modelo construído pela Igreja Católica. Estas representações atravessaram diferentes culturas e temporalidades. Apesar de todo o debate e os avanços teóricos resultantes em novas concepções de infância ainda convivemos com algumas permanências que nos fazem lançar o olhar para tempos pretéritos.

Os demais convites indicados no quadro 2 demonstram os traços e as materialidades que se alteram ao longo dos anos, algumas que permanecem, outras recebem novas caras. São pistas importantes que ajudam a investigar múltiplas questões, que envolvem tanto a produção e circulação desses impressos quanto a relação deles com a professora.

Considerações finais

Os caminhos que levaram ao encontro da coleção de convites são diversos e partem de pesquisas anteriormente realizadas e que, de alguma forma, contaram com a participação da professora Vera Maria Silvestri Cruz, o que culminou na doação de parte de seu acervo em vida pela própria titular e uma segunda doação por meio de seus familiares.

Seus documentos são preciosos por diversos motivos, tem como principais características preservar as memórias das instituições por onde trabalhou, em especial a universidade. Além disso, chama atenção a criação de um método próprio de arquivar, o zelo e a riqueza de documentos que possibilitam inúmeros/as pesquisadores/as a adentrar na viagem da pesquisa. Esses acervos documentais, segundo Mignot (2000, p. 126), são compostos por “[...] velhos documentos guardados possibilitam descobrir pequenos núcleos narrativos, zonas de sombras e luzes”.

Observando-os de forma geral, sabemos que constam ali marcas de uma estudante, professora, gestora pública, professora universitária, secretária da educação, entre muitos outros papéis e espaços ocupados. Ou seja, são ricos documentos para a história das instituições escolares, trajetória de professores/as, um campo aberto a historiar.

Escolher os convites de formatura para mexê-los e observá-los ocorreu porque fomos fisgadas, instigadas a imaginar tantas questões em torno desse momento celebrativo, bem como os motivos para a sua guarda. Neles encontramos um campo aberto à investigação, pois são portadores de variadas informações, que cotejadas com outras fontes documentais permitem conhecer contextos educacionais, observados em redes de sociabilidades.

Concordamos com Silva (2014), que tais convites permitem focar sobre detalhes como o público escolar/acadêmico, os professores homenageados, paraninfos, o lema da turma, quem seriam os oradores, diretores, entre outras informações. Ricos de informações, de variadas formas e conteúdo, alguns são mais completos, outros mais sucintos, todos potentes para a História da Educação.

Ao selecionar esses convites na imensidão de seu acervo é como se estivéssemos retirando apenas uma folha em meio a tantas outras e, mesmo investigando uma pequena parte, não conseguimos esgotar as possibilidades analíticas sobre eles, muito pelo contrário: nós os entendemos como um campo aberto a pesquisar.

Referências

ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz de. Violar memórias e gerar a história: abordagem a uma problemática profunda que torna a tarefa do historiador um “parto difícil”. **Revista de Pesquisa Histórica Clio**, Recife, v. 15, n. 1, p. 39-52, 1994. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaclio/article/view/24901/20169>. Acesso em: 17 ago. 2023.

ARIÈS, Phillipe. **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro: LTC, 1981.

ARTIÈRES, Phillipe. Arquivar a própria vida. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 21, p. 9-34, 1998. Disponível em: <https://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2061/1200>. Acesso em: 14 ago. 2023.

BELLOTTO, Heloísa Liberalli. **Arquivos permanentes: tratamento documental**. 4. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2007.

CHARTIER, Roger. Textos, impressões, leituras. In: HUNT, Lynn. **A nova história cultural**. São Paulo: Martins Fontes, 1992. p. 211-238.

COELHO JUNIOR, Nelson Maurílio; CUNHA, M. T. S. Os quadros de formatura do Colégio Coração de Jesus (1922-1929): contribuições para o estudo da História da Educação em Santa Catarina. **Cadernos**

do **CEOM**, Criciúma, v. 29, n. 44, p. 71-78, jun. 2016. Disponível em: <https://bell.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/rcc/article/download/2979/1836/0>. Acesso em: 14 ago. 2023.

COX, Richard J. **Arquivos pessoais: um novo campo profissional. Leituras, reflexões e reconsiderações**. Belo Horizonte: UFMG, 2017.

DARNTON, Robert. **O beijo de Lamourette: mídia, cultura e revolução**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

FISCHER, Beatriz T. Daudt. As caixas de papéis de Nilce Lea: memórias e escritas de uma simples professora? **Revista História da Educação**, Pelotas, v. 9, n. 17, p. 69-80, abr. 2005. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/asphe/article/view/29201/pdf>. Acesso em: 14 ago. 2023.

GINZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

GREENBLATT, Stephen. O novo historicismo: ressonância e encantamento. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 8, p. 244-261, 1991. Disponível em: <https://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2323/1462>. Acesso em: 14 ago. 2023.

GUARDAR. In: **Michaelis: dicionário brasileiro da língua portuguesa**. São Paulo: Melhoramentos, 2022. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/guardar>. Acesso em: 14 ago. 2023.

HEYMANN, L. Q. O arquivo utópico de Darcy Ribeiro. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 1, p. 261-282, jan./mar. 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/hcsm/v19n1/14.pdf>. Acesso em: 10set. 2022.

IFB, Instituto Federal De Brasília. **Professor(a) homenageado(a), patrono ou patronesse**. Brasília, 24 ago. 2018. Disponível em: <https://www.ifb.edu.br/brasil/portarias-e-formularios/137-institucional/18396-professor-a-homenageado-a-patrono-ou-patronesse>. Acesso em: 15 abr. 2022.

JULIA, Dominique. A cultura escolar como objeto histórico. **Revista Brasileira de História da Educação**, Maringá, n. 1, p. 9-43, jan./jun. 2001. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/rbhe/article/view/38749/20279>. Acesso em: 15 abr. 2022.

MIGNOT, Ana Chrystina Venancio. Editando o legado pioneiro: o arquivo de uma educadora. In: MIGNOT, Ana Chrystina Venancio; BASTOS, Maria Helena Camara; CUNHA, Maria Teresa Santos. (org.). **Refúgios do eu: educação, história e escrita autobiográfica**. p. 123-143. Florianópolis: Mulheres, 2000.

NANDI, Milena Spilere. Espaço para aprendizado de alunos da Unesc e de escolas da região é inaugurado. **AICOM**, Assessoria de Imprensa, Comunicação e Marketing, Criciúma, 19 nov. 2022. Disponível em: <https://www.unesc.net/portal/aicom/blog/21444-espaco-para-aprendizado-de-alunos-da-unesc-e-de-escolas-da-regiao-e-inaugurado>. Acesso em: 16 ago. 2023.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História**, São Paulo, v. 10, p. 7-40, jul./dez. 1993. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/12101/8763>. Acesso em: 14 ago. 2023.

PERES, Eliane. A constituição de um arquivo e a escrita da história da educação: do gesto artesão à prática científica. **Revista Brasileira de História da Educação**, Maringá, v. 19, n. 49, p. 1-23, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbhe/a/SbKSWddpvpnGjXsxnNNFRsk/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 16 ago. 2023.

SEGALEN, Martine. **Ritos e rituais contemporâneos**. Rio de Janeiro: FGV, 2002.

SILVA, Bárbara Virgínia Groff da. **Grand finale? A conclusão do Ensino Médio no Colégio Estadual Cândido José de Godói**. 2015. 195 f. Dissertação (Mestrado em Educação). Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.

SILVA, Eduardo Cristino Hass da. Gerações de técnicos em contabilidade: uma análise prosopográfica a partir dos convites de formatura. *In: Encontro da associação sul-riograndense de pesquisadores em história da educação*, 20., 2014, Porto Alegre. Anais [...]. Porto Alegre: UFRGS, 2014.

SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. *In: RÉMOND, René. (org.). Por uma história política*. 2. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2003. p. 231-270.

SOUZA, Rosa Fátima de. História da cultura material escolar: um balanço inicial. *In: BENCOSTA, Marcus Levy Albino (org.). Culturas escolares, saberes e práticas educativas: itinerários históricos*. São Paulo: Cortez, 2007. p. 163-189.

UFRPE, Universidade Federal Rural de Pernambuco. **Você sabe o significado das homenagens prestadas por uma turma de formandos?** Serra Talhada, 2015. Disponível em: <http://uast.ufrpe.br/sites/ww5.uast.ufrpe.br/files/paginas/homenagens.pdf>. Acesso em: 16 ago. 2023.

VIANNA, Aurélio; LISSOVSKY, Maurício; SÁ, Paulo Sérgio Moraes de. A vontade de guardar: lógica da acumulação em arquivos privados. **Arquivo e Administração**, Rio de Janeiro, v. 10-14, n. 2, p. 62-76, jul./dez. 1986. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/download/55340>. Acesso em: 16 ago. 2023.

WASCHINEWSKI, S. C. Itinerários de uma professora: um diálogo com os manuais didáticos. **Plures Humanidades**, Ribeirão Preto, v. 1, n. 1, p. 87-101, 2019. Disponível em: <http://seer.mouralacerda.edu.br/index.php/plures/article/view/487/353>. Acesso em: 15 abr. 2023.

Recebido em 18 de dezembro de 2023.
Aceito em 23 de fevereiro de 2024.